



INFORMES DE BASE

"Todo o conteúdo publicado neste espaço (IB) é de inteira responsabilidade da entidade de base que o assinar. A FASUBRA se exime de qualquer responsabilidade pelo conteúdo publicado neste espaço".

Informes da base do SINDTTAE / UFTM

Sobre viés ideológico e negação de conflitos Walêska Dayse Dias de Sousa¹ A significação de que é possível produzir a vida humana desconsiderando crenças, valores, princípios, teorias que fundamentam nossas ações, colando esses significados ao conceito de ideologia tem sido bastante difundida atualmente, sobretudo pelas falas do atual presidente brasileiro, seus assessores e simpatizantes. “Queremos um governo sem viés ideológico”; “precisamos de uma escola sem partido”; “chega de doutrinação ideológica”, são algumas das expressões veiculadas nos últimos tempos. Todas essas expressões limitam e confundem o conceito de ideologia, reduzindo e/ou deturpando seus sentidos, levando a uma compreensão errônea de pensar a condição humana a partir de uma pretensa “neutralidade”, “imparcialidade”, “isenção”, como se todos os que pertencem ao gênero humano pudessem se produzir por essa via, desconsiderando o fato de serem produto e processo das relações sociais estabelecidas ao longo da vida. Em todos os tipos de comportamentos humanos, se revela o movimento de produção de si a partir de referências diversas, sendo que as crenças impulsionadoras do desenvolvimento, podem ou não estar fundamentadas em ideologias. Assim, enunciar ou não uma posição não significa neutralidade ou imparcialidade. Pode significar, apenas, não ter expressado aquilo que move, ou, quando muito, não querer, não encontrar terreno seguro para os ditos ou ainda não dominar ferramentas eficazes de expressão. Não dizer não significa não ter o que dizer e os ditos revelam, certamente, compreensões de mundo. Influenciadas ou não por ideologias.

Humanos não são imparciais. Não são neutros. Em nenhuma dimensão da vida. Nem enquanto filhos, muito menos enquanto pais, muito menos enquanto integrantes e participantes de uma religião, de um partido político, ou qualquer outra organização social. Até mesmo a organização do grupo científico, construído a partir de maneiras rigorosas de expressão e desenvolvido nos meios acadêmicos, produz métodos de produção de conhecimento que são permanentemente discutidos, defendidos, contestados, desenvolvidos. Sempre a partir de um lugar. Em todas essas posições da vida toma-se partido, fala-se a partir de um determinado referencial e as ideologias assumem papel relevante, seja para refutá-las ou não. Daí ser importante “descortinar” diferentes ideologias. Compreendê-las amplia os campos de visão sobre o mundo, ajuda a enxergar melhor a realidade. 1 Pedagoga, mestre e doutora em Educação. O conceito de ideologia é complexo, já tendo assumido significações bastante antagônicas ao longo da história. Estudiosos de correntes distintas divergem entre si sobre os sentidos mais diversos do termo. A primeira referência, elaborada por volta dos anos de 1.800, por Destutt de Tracy, pretendia tratar a ideologia como ciência que estuda a formação das ideias humanas. Já Durkheim tecia duras críticas ao conceito de ideologia como ciência, pois a seu juízo o conceito carecia de critérios que respeitassem uma pretensa “objetividade científica” muito defendida por ocasião da instauração do modelo positivista de ciência, que não reconhece as subjetividades humanas como dados de análise, mas só os dados objetivos, palpáveis, quantificáveis, posição diferente dos métodos qualitativos de produção científica que foram produzidos mais tarde. Em Marx se reforça a inversão do sentido original de ideologia como ciência. Para esse autor, as ideologias seriam as responsáveis por manter o homem alienado de sua realidade concreta, ocultando e escondendo deles o modo real de produção das relações sociais e das formas sociais de exploração econômica e dominação política, tal como explica Marilena Chauí. Acredita-se que a compreensão de Marx sobre ideologia tem sido considerada na utilização das expressões que tem se tornado populares em função do governo Bolsonaro, mesmo que poucos tenham a compreensão do que, de fato, estejam reproduzindo. Assim, viver sem o viés ideológico bolsonarista seria o mesmo que dizer a Marx: não há conflitos entre homens e mulheres, entre negros e brancos, entre patrões e empregados, entre correntes religiosas distintas, interna e

externamente, entre pais e filhos, entre cientistas de áreas de conhecimento diferentes. Tudo funciona em harmonia, caro Marx, e é isso que vamos defender no viés ideológico bolsonarista: negar os conflitos e governar impondo, mesmo que artificialmente, ordem e paz social. Ora, essa pretensa “harmonia”, esse clima de “normalização” das relações sociais, religiosas, econômicas, políticas, educativas, ambientais, entre outras, negando qualquer tipo de conflito que exista entre elas, é tão ideológica quanto a ideologia que, aparentemente, o grupo que se instalou no poder tem tentado atacar. É a tentativa de impor a ideologia da passividade, da “ordem”, imposta pelo rebaixamento do que sofre mais, do desvalido, do espoliado, daquele que vive à margem da sociedade. É a volta ao começo dessa reflexão: tratar o humano como neutro, imparcial, inativo, anti-criativo, anti-produtivo de si mesmo, ser que não toma partido, não se posiciona, não faz escolhas diante da vida para ajudá-lo a caminhar e se desenvolver. Negar o conflito do humano que se relaciona com outro humano, significa negar a si mesmo, visto que só se produz dessa maneira: no conflito. Quando se aprende algo novo, por exemplo, vive-se o conflito de abrir mão do que era sabido antes para reorganizar esse saber prévio, transformando-o em outra qualidade de saber. É nesse movimento que o humano se desenvolve. Impor um conhecimento ao outro, como se o outro fosse uma página em branco, é negar até a sua capacidade biológica de processar por si mesmo as mais diferentes compreensões de mundo. Em relações autoritárias e verticais, em que se impõe algo, isso parece até funcionar de forma eficiente, mas em essência pode produzir, por um lado, passividade, inatividade, desperdício do potencial criativo e inventivo do homem e, por outro, revolta, descontentamento, fúria, adoecimento, reprodução de um ciclo vicioso de violência, exploração e dominação. Viver sem um viés ideológico, na acepção bolsonarista, seria negar que sempre é possível haver oposição em uma relação. Na relação econômica, seria negar o conflito existente entre o interesse do trabalhador e o interesse do capitalista. É preciso reconhecer que se tratam de interesses de ordens distintas, antagônicas, profundamente desiguais que convivem entre si, demandando esforço permanente de negociação, respeito, escuta, acolhimento do conflito essencial instalado. “O viés ideológico bolsonarista” representa privilegiar um dos lados da relação e acreditar que o outro lado precisa ceder, aceitar, se calar, em síntese, se negar. Ora, diga para uma mulher que ela precisa ouvir calada o

que ela deve fazer da sua vida e se não aceitar merece sofrer, ser castigada, ser ironizada, até ser morta por querer fazer suas próprias escolhas; diga para um negro que a escravidão foi apenas um fato histórico sem grandes repercussões na sua vida; diga para um cientista de ciências humanas que ele deve usar, necessariamente, o método científico das ciências exatas; diga para o trabalhador que ele precisa ter um salário menor para que o capitalista possa lucrar mais. São todos exemplos do que pretende a ideologia bolsonarista: ocultar conflitos, desigualdades, injustiças, oposições, pensamentos divergentes, formas distintas de produzir conhecimento, para que se crie terreno fértil para a imposição de uma paz artificial e ilusória comandada por aqueles que, historicamente, já são possuidores das melhores condições sociais de existência e pretendem continuar sua dominação e naturalização das relações de poder. Em síntese, “sem viés ideológico”, “sem tomar partido”, é algo impossível ao gênero humano, ser de contradição por excelência, em que objetividade e subjetividade se conflitavam, permanentemente, para a produção de si e do mundo ao redor. O que se pretende com a utilização dessas expressões, além de confundir acerca do conceito de ideologia, é exatamente manter a todos na alienação de que é possível uma paz social a partir da negação das especificidades e necessidades de cada ser humano e grupo social em especial.
